

neben — und gegeneinander immer eine theologische Rechtfertigung hat — und nur eine solche darf in Fragen der Kircheneinheit gelten — oder ob soziologische und nationalkirchentümliche Traditionen uns voneinander fernhalten. Wir sind unseren Brüdern in den anderen Kirchen die Botschaft von der Rechtfertigung aus Gnade durch den Glauben schuldig, wenn anders wir glauben, dass sie uns durch Luther in einer zu Dank verpflichtenden Klarheit geschenkt wurde. Wir haben es vor unserem Herrn zu verantworten, wo wir **unnötig**, aus Gewohnheit oder Trägheit, in der Trennung verharren und so dem Zeugnis von Christus Hindernisse in den Weg legen, so sehr wir andererseits gerufen sind, für die Reinheit der Botschaft einzutreten.

In unserer Arbeit an der Universität wollen wir versuchen, unserer Konfessionellen Aufgabe, dem Eindringen in unsere eigene Tradition und der Auseinandersetzung mit den Problemen unserer Kirche innerhalb der weiteren ökumenischen Gemeinschaft der A. U. C. (Associação Universitária Cristã) gerecht zu werden. Wir stehen an einem Anfang, die Formen der Arbeit müssen erprobt werden. Aber ich glaube, dass wir gerufen sind, in viel stärkerem Masse als bisher die ökumenische Aufgabe zu unserer eigenen zu machen. Die Studentenarbeit könnte dazu einen wesentlichen Beitrag leisten.

P. Neisel.

*

Relatório do primeiro estágio de estudantes evangélicos nas fábricas.

Patrocinado pela União Cristã de Estudantes do Brasil.

São Paulo — Fevereiro de 1955

Uma nova classe está surgindo no mundo de hoje — o proletariado industrial. Classe que está crescendo em número e em influência, como consequência da rápida industrialização do Brasil e dentro em breve será um fator decisivo na vida política e social da pátria.

Esta classe, porém, encontra-se numa situação precária. É composta do „homem massa“, aquêle ser desarraigado da vida ordenada e orientada das zonas rurais do interior, vivendo na cidade sem segurança e sem orientação certa, afastado, em geral, do Cristianismo e da sua influência moral e espiritual. Nesta situação, é vítima de tôdas as novas ideologias políticas como das novas religiões semi-pagãs e das seitas tão numerosas de nosso tempo. Esta classe, portanto, constitui um campo missionário de especial importância para as Igrejas Evangélicas e exige delas um esforço supremo de conhecê-lo intimamente, de ver claramente os problemas que se criam para a Igreja que deseje evangelizá-lo, e de dar corajosamente os primeiros passos para levar a cabo uma obra missionária mais intensa.

A Preocupação com êste problema levou a U. C. E. B. (União Cristã de Estudantes do Brasil) a organizar, durante as férias de fevereiro último, um Estágio de Estudantes Evangélicos nas Fábricas. Durante quatro semanas, doze seminaristas e acadêmicos (vindos dos Estados de Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Distrito Federal e São Paulo) trabalharam incógnitos, como simples operários, em fábricas de São Paulo. Morando juntos durante o mês, dedicaram-se a um estudo que visava as seguintes finalidades:

1. Permitir, aos estagiários, a oportunidade de conhecerem, de perto, a vida do operário de hoje, com o fim de saber melhor como evangelizá-lo.
2. Estudar a missão da Igreja em relação a esta nova classe e a responsabilidade cristã em face dos problemas da moderna sociedade industrial.
3. Tratar de chegar a algumas conclusões provisórias que poderiam orientar experiências, por parte das Igrejas, na evangelização do operário.
4. Sugerir para UCEB, nêsse campo, um plano de trabalho que tivesse dentro das nossas possibilidades e de acôrdo com os propósitos da Organização.

O Estágio se realizou sob a direção do atual Secretário Geral e Secretário Assistente da UCEB. Sendo a primeira experiência dêste tipo na América Latina, houve algumas falhas na organização do programa e surgiram muitos problemas inesperados. A duração do Estágio foi muito curta e o tempo disponível para estudo bastante limitado. Aliás, sendo o problema estudado tão vasto, nosso estudo dêle significa apenas um comêço e não nos autoriza e falar com autoridade. Porém, o grupo sentiu de tal maneira a urgência do problema que resolveu submeter êste relatório como uma primeira contribuição que possivelmente provoque maior estudo e leve outros a explorar as possibilidades de a Igreja Evangélica nêsse enorme campo missionário que Deus nos tem dado nesta hora.

A Situação do Operário.

1) É um fato notório que a situação econômicamente instável enfrentada por tôdas as camadas sociais causa insegurança e inquietação, particularmente à classe operária. Vivendo do salário que resulta da aplicação de tôdas as suas energias e sentindo que, apesar dos constantes aumentos, menor é o poder aquisitivo do seu ordenado, encontra-se o operário oprimido pelos encargos de família. Disso resultam prejuízos físicos, morais e espirituais. Quando a prole é numerosa é preciso enfrentar, de início, a educação e alimentação dos filhos. Se a espôsa fica no lar a receita é

insuficiente; se trabalha fora, a educação dos filhos é precária e temos nesse fato a causa principal do elevado número de menores delinquentes com problemas que desafiam as nossas autoridades. Quando os menores vão atingindo os quatorze anos são enviados sem demora às fábricas. Há indústrias que dão preferência a este tipo de operário, principalmente do sexo feminino, nas fiações. Esse envio dos filhos às fábricas alivia, sem dúvida o chefe da família com o aumento do rendimento comum mas provoca uma evidente depressão moral. As mocinhas de uma grande indústria paulista reconhecem que o fato de trabalhar onde trabalham é motivo, às vezes, de má fama. Realmente, a experiência conjunta do nosso grupo demonstrou que o nível moral nas indústrias é inadequado aos menores. É certo que muitos pais enviam seus filhos menores às fábricas cientes desses prejuízos morais e forçados pela situação econômica insustentável.

2) De acordo com informações de industriais que pudemos comprovar, grande porcentagem de trabalhadores é constituída de pessoas provindas do interior e de outros estados, sempre procedentes de zona rural. Deixam no campo uma vida de cunho familiar; deixam no interior a religião dos pais, com suas crendices, suas missas, suas festas caipiras e sua ética peculiar. Entram desprotegidos na voragem da cidade grande; alugam uma casinha na vila de algum bairro operário e procuram emprego para si, para os filhos maiores de quatorze anos e, às vezes, para a esposa. A fábrica absorve durante a semana a existência de todos os membros da família. Em regra, ninguém trabalha de sol a sol — a Legislação Social não o permite. Mas, todos deixam suas casas ao nascer do sol e voltam depois que o sol se escondeu. Duas ou três horas são absorvidas, diariamente, pela condução — no estribo do bonde ou no subúrbio superlotado. Também há casos, e não poucos, de doze ou treze horas de trabalho por dia, quando o operário ganha por produção e a energia elétrica o permite. Em qualquer hipótese, pais e filhos não têm contacto; não se veem, não se falam, não se conhecem. A família deixou de ser o centro da vida. Por outro lado, o sentimento religioso foi comprimido; a missa foi substituída pelo futebol; a crença, pela expectativa do dia do pagamento. Descreem de Deus; descreem dos religiosos, descreem dos políticos. Entretanto, quando um homem ou uma organização demonstra objetivamente o desejo de resolver os cruciantes problemas materiais que os afligem, são capazes de depositar, nesse homem ou organização, uma confiança incondicional. Os últimos acontecimentos políticos provam esse fato. Também notou-se, em alguns casos, a adesão ao espiritismo ao que parece pelo aspecto prático encarnado no lema „Sem caridade não há salvação.“

3) O operário se une de tal maneira à máquina que parece tornar-se apenas um complemento da massaroqueira, do tear, do esmeril ou do tórno. O trabalho mecânico continuado, vai reduzindo a capacidade de pensar. Quando é preciso o emprego de gran-

de esforço físico a energia dispendida restringe a ação do cérebro; foi a nossa experiência. Realmente é o operário uma engrenagem da grande máquina fabril. Que experimentou passar horas e horas preparando peças iguais no esmeril ou então emendando os fios na massaroqueira de uma fiação, fica esmagado pela falta de sentido daquêlê ou dêste trabalho. Talvez assim se justifique a futilidade dos seus tomas quando conversa. Dir-se-á que o trabalho de um bancário, visando cheques o dia todo também não tem sentido. Mas, geralmente, o bancário, o comerciário, o funcionário, lêem, estudam e assim se libertam da escravidão do trabalho monótono. Entretanto, o operário, em regra, não lê nem estuda; e isto é natural. Nós mesmos não tínhamos disposição suficiente para reuniões de estudos, à noite, depois de um dia extenuante. Só excepcionalmente se pode esperar que um homem, depois de ter passado nove horas curvado sôbre um esmeril, respirando fuligem tenha disposição para estudar ou ouvir uma prêdica. Em consequência, a vida do operário se resume num trabalho monótono, cansativo e sem sentido. Nenhum dêles raciocina que aquela pequena peça mantida em suas mãos durante quinze segundos vai compor uma escada rolante ou um elevador; que o fio emendado vai ser um vestido; nada disto importa a não ser pelo seu valor em cruzeiros que serão gastos antes de serem recebidos. Nenhum operário relaciona seu esforço com o bem comum do qual êle mal participa; nem com os propósitos de Deus em quem não crê. Êle sente que trabalha para que outros tenham boas roupas, tenham casas confortáveis, para que o patrão compre um carro de um milhão de cruzeiros, construa palacetes e faça viagens recreativas ao exterior e para que êle, que trabalha de modo extenuante, paque contas no fim do mês. Mas, o operário — ao que pudemos observar — não se revolta contra isso; reclama e sente numa atitude que nos pareceu passiva e fatalista. O trabalho não tem significado e o homem é um complemento da máquina.

4) A fábrica — local de trabalho — vai-se tornando cada dia mais o centro das manifestações sociais do operário. Os que trabalham numa seção formam um grupo no qual parece existir condições mínimas para um precário desenvolvimento do indivíduo. Durante o trabalho e nas horas de repouso procede o grupo como uma comunidade. Juntos jogam cartas; conversam; vão tomar cachaça e em certos casos planejam excursões para os fins de semana. Ê acentuado o espírito de solidariedade entre os componentes do grupo de trabalho e êste parece subsistir, para muitos, a família.

5) Procedente das zonas rurais onde não há escolas, a maioria apresenta nenhuma ou rudimentar instrução. Mesmo os que cursaram o primário na escola mista rural têm dificuldade de compreensão. Em consequência, não é possível comunicar-lhes idéias ou narrar fatos sem que a pessoa que os transmite se coloque no mesmo nível mental, usando a mesma linguagem. Parece-nos que

um dos problemas cruciantes da nossa época e da nossa sociedade constituída de camadas, é o da compreensão. A linguagem da classe média não atinge a mente do operário e o pensamento não causa efeito nas pessoas de outra condição social. Temos a impressão de que a mentalidade das nossas igrejas se confunde com a da classe média e dêsse fato decorre a dificuldade que se apresenta ao evangélico, mesmo operário, quando vai transmitir a mensagem de Jesus Cristo numa linguagem que o seu companheiro não entende.

6) Em geral, o operário evangélico vive isolado nas fábricas. Envolve-o uma camada de princípios morais rígidos. Olhado com respeito, às vezes, outras, ridicularizado, êle está sempre em evidência. O grupo que naturalmente se forma nas secções não se abre aos evangélicos e o crente não se esforça por penetrá-lo. Quando fala de Jesus Cristo é de uma posição destacada. É fácil, para o operário evangélico, enrolar-se na sua capa de santidade e nessa posição dificilmente compreende o sensualismo dos seus colegas; não entende os gestos obscenos; não procura as causas de um palavreado vazio. A sua tendência é de criticar em vez de compreender, de acusar antes de procurar as causas. Geralmente, êle não se relaciona fraternalmente com os indivíduos porque está fora e acima do grupo. O evangélico é um bom operário: pontual, disciplinado, sem vícios que reduzam sua capacidade de trabalho. Satisfaz o industrial; logo faz carreira; vai ser mestre ou encarregado; tem um acentuado senso do dever e é responsável. Mas não toma parte em qualquer movimento de classe; não quer ouvir falar de reivindicações nem de sindicatos; é individualista. Temos como resultado que, em face das características da nossa época, seus companheiros não entenderão a mensagem que apresenta, quando a apresenta. Por outro lado cada evangélico é uma gôta d'água na ampliação da fábrica. Um metodista aqui, um presbiteriano ali, adiante um batista. Não se unem para evangelizar; não agem como membros de um só Corpo — o Corpo de Cristo. Além disso, a falta de um esforço conjunto das igrejas porque não encontram trabalhos da sua denominação com as peculiaridades que êle já assimilou. O nosso grupo ficou convencido de que a pretensa superioridade dos evangélicos nas fábricas é um entrave à evangelização e a fragmentação denominacional, um escândalo.

Possibilidades de um Trabalho mais Intenso Nêsse Setor.

Como já dissemos acima, nós não estamos em condições de podermos oferecer, às Igrejas, um programa adequado a responder ao desafio que o proletariado industrial constitui para o movimento evangélico no Brasil. O nosso estudo, porém, levou-nos à convicção de que será preciso desenvolver um programa de estudo e ação que concentre a atenção em certos pontos, que nos parecem mais importantes. São êles:

1) Estudo mais cuidadoso, por parte dos pastores, seminaristas e líderes leigos da Igreja, dos problemas relacionados com a evangelização de operários. Em outros esta necessidade tem levado a Igreja Evangélica a organizar cursos especiais nos seminários, Institutos para pastores de Igrejas em zonas rurais industriais, e centros para estudos como este, são, por exemplo, as Academias Evangélicas da Alemanha. Não podemos, por mais tempo, ignorar essa necessidade. A classe operária é um novo campo missionário mas a sua evangelização exigirá, da Igreja, estudos muito sérios de problemas, métodos e planos de trabalho.

2) Os operários crentes são os chamados para evangelizar operários e poderão cumprir a sua missão, só se cada crente operário considerar a fábrica onde trabalha como o seu campo missionário, no qual ele tem a responsabilidade de ser testemunha fiel de Jesus Cristo, em cada momento.

Para podermos comunicar essa visão aos operários das nossas Igrejas e prepará-los para o cumprimento dessa missão, nós achamos que será preciso **criar pequenos núcleos de operários nas Igrejas locais**. Nesses grupos, os operários crentes poderiam estudar a sua missão, orar por ela, estimular-se mutuamente para cumpri-la e compartilhar seus êxitos e fracassos até encontrar o caminho certo. Durante o Estágio, o nosso grupo visitou várias Igrejas nos bairros operários de São Paulo e encontrou grande interesse nesse projeto por parte dos operários que querem fazer um trabalho mais dinâmico nesse setor sem saber como começar.

3) A descrença do operário moderno e a sua desconfiança na religião exige, da Igreja que deseja evangelizá-lo, demonstrações vivas do Evangelho e de seu significado para todos os aspectos da vida do homem. Sem estas demonstrações vivas do Cristianismo, a obra de evangelização será muito mais difícil.

A compreensão da seriedade desta situação levou os „padres-operários“ da Igreja Católica da França a fazer o que fizeram. Eles chegaram à conclusão de que só o sacrifício total das suas vidas e carreiras num esforço especial de identificação com a massa operária nos seus problemas e lutas poderia abrir as portas á apresentação da mensagem cristã.

Sabemos que o Espírito Santo é poderoso para agir apesar da nossa fraqueza e portanto não podemos esperar até chegarmos a este ponto de identificação para empreender uma obra mais dinâmica de evangelização. Cremos, porém, que o Cristo que nos amou e deu a sua vida por nós, também nos chama a dar este testemunho vivo e portanto temos de permitir que Ele nos guie no caminho da obediência. O que isto significaria, não podemos dizer. Mas acreditamos que grupos de crentes operários terão de estudar esse problema e fazer experiências nesse campo, preocu-

pando-se pela luta a favor da justiça social nos sindicatos e em outros movimentos, e mostrando um vivo desejo de compartilhar a vida do operário e ajudá-lo a resolver os seus problemas.

4) Para evangelizar maior número de operários, precisamos de igrejas em que o operário mais humilde e inculto encontre um ambiente agradável e possa estar à vontade.

Inconscientemente, muitas das nossas Igrejas, mesmo em bairros operários, têm um certo ambiente de classe média. Consequentemente, o operário mais humilde dificilmente entrará nessas igrejas, ou depois de ir uma ou duas vezes, não voltará mais. Acreditamos que este fato explica, em parte, a razão porque muitas vezes as igrejas do tipo Pentecostal crescem mais rapidamente do que as nossas.

Este problema precisa de sério estudo e de experimentação na organização de igrejas mais próprias a esta classe, onde o homem ignorante e mal vestido não se sinta constrangido. Além disso, precisamos dar atenção à pregação, ao culto e ao programa total das nossas Igrejas nas zonas industriais, a fim de podermos oferecer o Evangelho à massa operária da maneira mais simples. É mister também apelar mais às emoções do que ao intelecto do homem humilde e oferecer-lhe maiores oportunidades de participação no culto e nas atividades da Igreja.

5) Parece evidente que, para facilitar a evangelização da massa operária, devemos criar células ou núcleos de operários crentes nas fábricas.

A fábrica, como anotamos acima, está chegando a ser o centro da vida de grande número de homens, mulheres e jovens — um centro muito mais importante para eles, do que a família ou o lugar geográfico onde moram. É na fábrica que o operário tem, muitas vezes, os seus amigos mais íntimos. É o lugar onde passa a maior parte do seu tempo e onde ele sente que pertence a um grupo.

Este fator tem as mais sérias consequências para nós. Até agora o Protestantismo tem tido, na família, a comunidade básica da vida religiosa e, na zona geográfica onde se encontra o templo, a comunidade maior dentro da qual a Igreja existe e na qual exerce a sua influência. Hoje, porém, tanto a família como o local onde mora o operário estão perdendo a importância que antes tinham na sua vida. É portanto da maior urgência que a Igreja penetre dentro do novo centro da sua vida, aquela comunidade da fábrica que está chegando a exercer cada vez maior influência sobre o operário da sociedade industrial.

Para isto, a Igreja tem de estar presente na fábrica, reunindo ali os crentes para lhes oferecer uma verdadeira comunidade de estudo e oração, e criar núcleos dos quais poderá sair o impulso para a evangelização dos outros operários.

Parece-nos que êsses núcleos devem resultar do esforço conjunto das nossas igrejas uma vez que seria impossível — e, se possível, contraproducente — formar grupos denominacionais nas fábricas.

O Programa da UCEB

A iniciativa em novos programas de evangelização de operários terá de vir, necessariamente, das Igrejas. Há várias coisas, porém, que a UCEB, como organização de estudantes, com bases interdenominacionais, poderia fazer como uma contribuição inicial ao estudo do problema:

1) A organização de outros Estágios.

Todos os participantes do Primeiro Estágio acharam que a sua experiência de convívio com operários e de estudo intenso dêsse assunto era de suma importância, e propuseram que a UCEB organizasse anualmente um Estágio dêste tipo. Estamos estudando a possibilidade de ter um Segundo Estágio para Janeiro e Fevereiro de 1956 e começar um programa de propaganda para conseguir o melhor grupo possível de universitários e seminaristas.

2) A UCEB tem recebido convites de várias Igrejas para formar e orientar núcleos de operários crentes que poderiam dedicar-se ao estudo da evangelização de operários e tentar fazer algumas experiências nêsse setor. Os membros do Estágio desejam fazer algum trabalho dêste tipo e a UCEB propõe aproveitar a oportunidade.

3) Com o desejo de promover mais interêsse no assunto, propomos ter uma série de reuniões de consulta a respeito da Evangelização de Operários às quais serão convidados pequenos grupos de pastores e operários crentes.

Queremos finalmente expressar a nossa gratidão a tôdas as pessoas e instituições que ofereceram a sua valiosa cooperação nêste primeiro Estágio e rogamos ao Senhor que guie a sua Igreja na busca do caminho certo para a evangelização do proletariado industrial do nosso país.

Richard Shaull
Secretário Geral

Acyr Costa Araújo
Secretário Assistente

*

Personalia:

In den Dienst der Heimatkirche kehrten zurück die Amtsbrüder: M. Preilipper, zuletzt in Palmitos; H. Wandschneider, zuletzt in Venâncio Aires; H. Kretschmer, zuletzt in Novo Hamburgo.

Wir danken diesen Amtsbrüdern für alle opferbereite Treue mit der sie z. T. viele Jahre im Dienste unserer Kirche gearbeitet